

O Boletim de Conjuntura (BOCA) publica ensaios, artigos de revisão, artigos teóricos e empíricos, resenhas e vídeos relacionados às temáticas de políticas públicas.

O periódico tem como escopo a publicação de trabalhos inéditos e originais, nacionais ou internacionais que versem sobre Políticas Públicas, resultantes de pesquisas científicas e reflexões teóricas e empíricas.

Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona maior democratização mundial do conhecimento.



BOLETIM DE CONJUNTURA

BOCA

Ano II | Volume 3 | Nº 9 | Boa Vista | 2020

<http://www.ioles.com.br/boca>

ISSN: 2675-1488

<http://doi.org/10.5281/zenodo.4015551>



O QUE HÁ DE NOVO NA (BIELO) RÚSSIA?

Vinicius Modolo Teixeira¹

Resumo

Este ensaio tem a intenção de explorar a recente crise desencadeada na Bielorrússia, país do leste europeu, profundamente ligado à Rússia e localizada em um dos últimos territórios que separam o maior país do mundo dos territórios controlados pela Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN). Os recentes embates entre a população e o governo bielorrusso por conta dos resultados das últimas eleições, expõe uma dinâmica de interesses que perpassa pelas grandes potências mundiais e o antigo jogo de dominação do Heartland mundial, demonstrando mais uma vez que a teoria de de Mackinder, além de presente, é imprescindível para a compreensão da Geopolítica mundial.

Palavras chave: Bielorrússia; OTAN; Rússia.

Abstract

This essay is intended to explore the recent crisis unleashed in Belarus, a country in Eastern Europe, deeply linked to Russia and located in one of the last territories that separate the largest country in the world from the territories controlled by the North Atlantic Treaty Organization (NATO). The recent clashes between the population and the Belarusian government over the results of the last elections exposes a dynamic of interests that permeates the great world powers and the old domination game of the World Heartland, demonstrating once again that Mackinder's theory, besides being present, it is essential for the understanding of world geopolitics.

Keywords: Belarus; NATO; Russia.

A Bielorrússia é uma ex-república soviética localizada no entroncamento entre a Rússia, à Leste, a Ucrânia, ao Sul, e os membros da Organização do Tratado do Atlântico Norte, a Oeste e Norte, respectivamente, Polônia e os países bálticos, Letônia e Lituânia. Por si só, a localização de seu território já suscita uma série de interesses de seus vizinhos, expondo o país a turbulências de todos os lados.

Apesar de ser conhecida também pelo endônimo Belarus, grande parte dos países ainda se refere à esta república como Bielorrússia. Após a desagregação da União Soviética, em 1991, a Bielorrússia se tornou uma república independente politicamente às vistas do mundo, mas ainda plenamente dependente das relações comerciais com Moscou e sujeita a interferências internas da Rússia, seu antigo comando central. Contudo, as relações entre ambos os países são muito mais profundas, já que ambas populações possuem origens culturais comuns. Seu próprio nome remete a essa proximidade, significando Rússia Branca.

¹ Professor do curso de Licenciatura em Geografia da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT). Doutor em Geografia pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Graduando em Ciências Aeronáuticas pela Faculdade de Tecnologia de Sinop. Email para contato: falecomovinas@gmail.com



Mesmo contando com apenas cerca de 10% de russos como parte de seus habitantes, $\frac{3}{4}$ deles falam preferencialmente a língua russa, com o idioma bielorrusso como segunda língua. Essa situação é compreendida pela dominação do país durante mais de 200 anos, mas que foi amplificada durante o período soviético, sobretudo durante o governo de Stalin, que dentre outras coisas, tentou “russificar” as demais repúblicas soviéticas, enviando cidadãos russos para elas e promovendo o ensino dessa língua como idioma oficial da URSS.

Imediatamente após a sua “independência”, a Bielorrússia além de ingressar na Comunidade dos Estados Independentes, com a qual se previa orientar os novos Estados formados com a clivagem da URSS ao modelo de economia de mercado, o país também ingressou no Tratado de Segurança Coletivo, em 1992, uma Organização de Cooperação em Defesa proposta pela Rússia com vistas a estabelecer um perímetro de segurança em torno de seu território, além de garantir minimamente a continuidade de sua influência militar sobre parte de seus vizinhos.

Além disso, em 1998 Rússia e Bielorrússia assinaram diversos tratados bilaterais, que buscavam reunir suas economias, áreas da ciência e legislação, permitindo direitos comuns para seus cidadãos. Suas relações são ainda mais próximas na área de defesa, na qual, claramente, suas relações estão em um patamar muito superior ao de qualquer outra ex-república soviética, estando envolvida diretamente na estratégia de defesa russa para a Europa (DEYERMOND, 2004)

De fato, a Bielorrússia tem suas forças armadas em estreito contato com suas congêneres russas, estando mesmo parte delas sob comando direto de seu vizinho. Desde 2009 há um entendimento de integração entre os sistemas de defesa aérea dos dois países, efetivamente firmado em 2013 e tornado operacional em 2016. Esse sistema consiste na completa integração dos sistemas de radares e de suas defesas aéreas, fornecidos sistemas de mísseis que guarnecem o espaço aéreo de ambos os países, sob um único comando. Apesar do gerenciamento contar com membros das forças armadas bielorrussas, deve-se entender que, efetivamente, o controle está nas mãos das forças armadas russas, que é a maior beneficiária dessa integração, já que lança seus olhos para além de suas fronteiras, na direção do ocidente. Como parte desses acordos, em 2014 a Rússia forneceu ao seu aliado quatro baterias e 150 mísseis do sistema de defesa aérea S-300, aos quais se somaram à outras quatro baterias do mesmo tipo já existentes na Bielorrússia. Tal sistema proporciona capacidades de defesa contra incursões aéreas inimigas, criando uma zona de Anti-Acesso e Negação de Aérea (A2/AD) (TEIXEIRA, 2020).

Essas relações permitem que a Rússia utilize o território bielorrusso como um posto de controle aeroespacial avançado, podendo vigiar e antecipar movimentos de aeronaves dos países da OTAN que voam no leste europeu e Mar Báltico. A isso também se soma o potente radar de detecção antecipada de mísseis balísticos Volga, localizado na cidade de Hantavichy e orientado para o Oeste. Tal sistema é o



contraponto russo ao sistema antimísseis que os EUA desejam implantar nos países do Leste Europeu e que se destina a vigiar o território russo, a despeito de suas negações a esse respeito.

Não obstante, a Rússia também depende do território bielorrusso para exportação de petróleo e gás e para a manutenção de seu enclave territorial de Kaliningrado. Estando separado da massa territorial principal da Rússia, com os países bálticos entre eles, Kaliningrado tem na Bielorrússia o território aliado mais próximo, separado dela pela fronteira Lituano-Polonesa, sob a qual rodovias e ferrovias fornecem acesso terrestre direto entre essa porção de terra e a Rússia. Essa passagem, chamada de “Corredor de Suwalki”, é a linha de comunicação que deve ser garantida para que a Rússia mantenha sua posição avançada no Báltico, ficando assim dependente de suas boas relações com a Bielorrússia.

Todos esses pontos reforçam a importância da Bielorrússia para a Rússia, o que nos últimos anos foi amplificada pelo alargamento da OTAN em direção aos seus territórios, em meio a uma escalada de tensões entre as grandes potências ao redor do globo. Em 2016, Moniz Bandeira já havia apontado sua relevância e enlace de sistemas de defesa:

Diante da expansão da OTAN até as imediações da Rússia, engrifando-se a penetrar a Eurásia e encantoá-la, o presidente Vladimir Putin havia algum tempo, trabalhava para robustecer um sistema de defesa e segurança coletiva, no Cáucaso. O esboço do acordo já havia sido elaborado com a Armênia, similar ao que fizera com o Quirguistão, Tajiquistão, Cazaquistão, assim como com a Bielorrússia, cujas unidades de combate e defesa atuariam coordenadamente com as da Rússia, como anunciou o tenente-general Pavel Kurachenko, do comando da Força de Defesa Aeroespacial da Rússia (MONIZ BANDEIRA, 2016, p. 449).

Fica claro que a Rússia, cada vez mais, busca reforçar seu entorno estratégico à medida em que a OTAN se reorganiza nos antigos países socialistas do Leste europeu, rompendo com os acordos não escritos celebrados entre Mikhail Gorbachev e o secretário de Estado dos EUA, James Baker, no crepúsculo da URSS, em 1990 (BACEVICH, 2017).

Desde o fim da URSS a Rússia sempre defendeu seus interesses e territórios em que havia cidadãos russos. Assim foi no breve conflito da Abkhazia, em 1992-1993, nas duas Guerras da Chechênia, em 1994-1996 e depois em 1999-2009, na Guerra da Geórgia em 2008, nas tensões internas da Ucrânia com consequente retomada da Criméia, em 2014. Agora, ainda uma tensão embrionária, mas com potencial conflitivo, a Rússia mais uma vez se posiciona de modo a garantir seus interesses Bielorrússia.

A recente crise no país do Leste europeu tem sua origem na mais recente eleição presidencial, ocorrida em 9 de agosto, na qual, o atual presidente, Aleksandr Lukashenko foi reeleito para mais um mandato, com mais de 80% dos votos. Lukashenko acumula desde 1994, cinco mandatos consecutivos, sendo a eleição de 2020 sua sexta disputa eleitoral. Desde então, parte da população passou a colocar em suspeição o último pleito, com milhares de manifestantes tendo saído às ruas da capital Minsk, enquanto



a líder opositora Svetlana Tijanovskaya se declarou a verdadeira vencedora do pleito ao mesmo tempo em que buscou refúgio na Lituânia.

Desde a divulgação dos resultados, parte dos eleitores descontentes tem realizado protestos nas ruas da capital bielorrussa para exigir eleições livres e a prisão do presidente Lukashenko, o qual no Ocidente recebeu a alcunha de “último ditador da Europa”. Como reação, as forças armadas e policiais bielorrussas foram mandadas para as ruas para reprimir as manifestações, com picos de mais de 100 mil pessoas, e a detenção momentânea de milhares de manifestantes. Em declarações, o presidente Lukashenko declarou que havia um complô ocidental organizado pela OTAN para derrubá-lo, recebendo apoio imediato do presidente russo Vladimir Putin.

Sem que possamos concluir a forma e dimensão das fraudes alegadas, os movimentos que a Bielorrússia experimenta nesse último mês tem semelhanças com os que foram deflagrados na Ucrânia a partir de 2013, ocasionando na saída do presidente Viktor Yanukovych, aliado da Rússia, no ano seguinte, uma guerra civil entre separatistas e nacionalistas e a retomada da península da Criméia por parte da Rússia. O uso de mídias sociais para propagar a insatisfação popular e organizar os protestos foi impedido pelo governo, que bloqueou o sinal de internet no país, evitando que os movimentos replicassem os resultados do seu vizinho. Tais movimentos, sintomáticos de um Guerra Híbrida, foram descritos por Korybko (2018) como parte da estratégia de *regime change*, já implementada em outros lugares com apoio de países ocidentais.

Os países europeus juntamente com os EUA, não tardaram a questionar a validade das eleições, colocando ainda mais pressão no governo Bielorrusso. Logicamente, a queda do atual governo e sua substituição por outro com maior proximidade com o ocidente seria de interesse dos aliados da OTAN, retirando da Rússia uma importante base de sustentação de sua estratégia geopolítica na Europa. Nesse sentido, mais agressivamente, desde a Guerra da Geórgia, em 2008, a Rússia tem reagido com firmeza na defesa de seus interesses e apoio aos seus aliados.

Assim, o apoio do presidente russo Vladimir Putin ao seu vizinho e aliado Aleksandr Lukashenko está profundamente ligado a antiga disputa de potências por territórios da Europa. A partir de uma visão da Geopolítica, os acontecimentos na Bielorrússia é mais um dos vários episódios recentes que expõe a dinâmica de dominação do *Heartland* de Halford Mackinder (2004). Desde sua proposição em 1904, a dominação do coração eurasiático esteve no seio das principais disputas mundiais, como durante as Primeira e Segunda Guerras Mundiais e a Guerra Fria. Mesmo trinta anos após o fim desse último embate, a busca por afastar a Rússia da Europa, negando-lhe qualquer possibilidade de assumir a estratégica posição apontada por Mackinder continua viva.



Por fim, de ambos os lados os interesses geopolíticos são suficientes para sobrepujar a hipocrisia de seus discursos. A Rússia, para manter países aliados atrelados aos seus projetos, não atua com o mesmo fervor na defesa de direitos ocidentais, como a democracia é as vezes entendida. Já os EUA e países da OTAN, a democracia é exigida ferrenhamente para países que estão fora de sua órbita de influência ou são considerados rivais, ao mesmo tempo em que ditaduras aliadas são bem aceitas e jamais contestadas.

REFERÊNCIAS

BACEVICH, Andrew. “When Washington Assured Russia NATO Would Not Expand”. **The American Conservative** [10/12/2017]. Disponível em: <<https://bit.ly/2WrttZD>>. Acesso em: 22/08/2020.

DEYERMOND, Ruth. “The State of the Union: Military Success, Economic and Political Failure in the Russia-Belarus Union”. **Europe-Asia Studies**, vol. 56, n. 8, 2004.

KORYBKO, Andrew. **Guerras híbridas: das revoluções coloridas aos golpes**. São Paulo, Editora Expressão Popular, 2018.

MACKINDER, Halford J. “The geographical pivot of history (1904)”. **The Geographical Journal**, vol. 170, n. 4, December, 2004.

MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. **A Desordem Mundial: o espectro da total dominação – guerras por procuração, terror, caos e catástrofes humanitárias**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2016.

PINTO, Ana Estela. “Entenda os protestos na Belarus e quais os possíveis resultados”. **Folha de São Paulo** [2020]. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2020/08/entenda-os-protestos-na-belarus-e-o-quais-os-possiveis-resultados.shtml>>. Acesso em: 31/08/2020.

TEIXEIRA, Vinicius. M. “S-300: A arma de negação da Geopolítica”. **Revista de Geopolítica**, vol. 11, 2020.



BOLETIM DE CONJUNTURA (BOCA)

Ano II | Volume 3 | Nº 9 | Boa Vista | 2020

<http://www.ioles.com.br/boca>

Editor chefe:

Elói Martins Senhoras

Conselho Editorial

Antonio Ozai da Silva, Universidade Estadual de Maringá

Vitor Stuart Gabriel de Pieri, Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Charles Pennaforte, Universidade Federal de Pelotas

Elói Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima

Julio Burdman, Universidad de Buenos Aires, Argentina

Patrícia Nasser de Carvalho, Universidade Federal de Minas Gerais

Conselho Científico

Claudete de Castro Silva Vitte, Universidade Estadual de Campinas

Fabiano de Araújo Moreira, Universidade de São Paulo

Flávia Carolina de Resende Fagundes, Universidade Feevale

Hudson do Vale de Oliveira, Instituto Federal de Roraima

Laodicéia Amorim Weersma, Universidade de Fortaleza

Marcos Antônio Fávoro Martins, Universidade Paulista

Marcos Leandro Mondardo, Universidade Federal da Grande Dourados

Reinaldo Miranda de Sá Teles, Universidade de São Paulo

Rozane Pereira Ignácio, Universidade Estadual de Roraima